

Exposição conhecer para preservar: fauna e flora regional – o museu como espaço educativo não formal e sua contribuição para a socialização do conhecimento

Resumo: Este trabalho tem por objetivo relatar as experiências vivenciadas durante a exposição temporária “Conhecer para preservar: fauna e flora regional” quanto à sua contribuição para a socialização do conhecimento em um espaço educativo não formal. A exposição foi realizada no Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP/FIDENE), no período de 18 de maio a 03 de julho de 2009, sendo organizada e monitorada por bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET/MEC/SESu – Biologia), demais acadêmicos do curso, professores coordenadores do Departamento de Biologia e Química da UNIJUÍ e funcionários do MADP. Esta exposição surgiu como um desafio de disponibilizar o acervo do Departamento de Biologia e Química e resultados de pesquisas sobre a fauna e flora regionais a fim de trabalhar junto às escolas da região a preservação ambiental. A visitação foi bastante expressiva, envolvendo desde estudantes e professores das escolas públicas e privadas de educação básica e do ensino superior, bem como, visitantes da comunidade em geral. Mais de 3.000 pessoas visitaram a mostra, tendo a oportunidade de interagir, conhecer e aprender um pouco mais sobre a biodiversidade regional. A educação que acontece fora da esfera escolar com o propósito de ensinar ciências proporciona novas experiências aos alunos, e o aumento do seu gosto pela ciência, o que, certamente, terá repercussões na sua preparação científica. Quando a universidade se articula às escolas e aos museus num esforço educativo comum, expande o campo de aprendizagem dos alunos e propicia acesso a uma diversidade de materiais que enriquecem os contextos em que ela se processa. Nesta oportunidade, conceitos puderam ser discutidos, reavaliados, reformulados proporcionando momentos agradáveis e ao mesmo tempo interessantes aos visitantes e aos monitores.

Palavras chave: Museu. Espaços educacionais não formais. Formação docente inicial e continuada.

1 Introdução:

Espaços educacionais como museus, que se dedicam à divulgação da atividade científica e tecnológica, têm sido muito bem aceitos tanto pelos adultos quanto pelos mais jovens. Tal aceitação deve-se em grande parte ao modo como as exposições são organizadas, criando um ambiente agradável, no qual o jovem é convidado a experimentar os objetos expostos. Para Marandino (2005), a socialização do conhecimento científico implica em inúmeras questões, que exigem posicionamentos éticos e críticos quanto a sua repercussão.

Segundo Vasconcelos e Souto (2003), ao ensinar ciências é importante não privilegiar apenas a memorização, mas promover situações que possibilitem a formação cognitiva do aluno. Isso ocorre através da compreensão de fatos e conceitos fundamentais. Espaços não formais, onde são transmitidos conteúdos de ciências, podem favorecer a aquisição de tal bagagem cognitiva.

Se entendermos o museu como um local de divulgação e educação, torna-se central a questão da transposição do conhecimento nele ocorrida. No que se refere às exposições dos museus de ciências, o processo relaciona-se tanto com a necessidade de tornar as informações apresentadas em textos, objetos e multimídias acessíveis ao público visitante, quanto a proporcionar momentos de prazer e deleite, ludicidade e contemplação. (Marandino, 2005, p. 10).

As exposições temáticas desempenham uma dupla função: estimular a curiosidade do visitante e despertar o gosto pela investigação pessoal. Assim, desenvolve-se uma modalidade não formal de ensinar ciências, que ocorre paralelamente ao ensino escolar. O professor acompanha a visita e interage com o monitor, complementando e questionando as explicações dadas. A aprendizagem do aluno é assim facilitada já que, em contato com objetos que em geral não fazem parte do universo escolar, ele assimila as explicações na prática e experimenta a contextualização de conceitos científicos. “Estes espaços podem também suprir algumas das carências escolares, como a falta de laboratórios” (Vieira; Bianconi; Dias, 2005, p.25).

Visando transformar o museu em um espaço educacional diferenciado, onde os conhecimentos pudessem ser discutidos não somente pelas escolas da região, mas também, pela comunidade em geral, foi planejada e executada uma exposição temporária denominada “Conhecer para preservar: fauna e flora regional” nas dependências do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP/FIDENE) na cidade de Ijuí, RS.

2 A experiência:

A exposição temporária “Conhecer para preservar: fauna e flora regional”, em sua segunda edição, foi promovida pelo Programa de Educação Tutorial (PET – Biologia) e o Departamento de Biologia e Química da UNIJUÍ, em parceria como o Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP/FIDENE), no período de 18 de maio a 03 de julho de 2009. A exposição recebeu a visita de mais de 3.000 pessoas, dentre elas,

estudantes e professores da rede pública e privada da educação básica até o ensino superior, bem como integrantes da comunidade em geral.

Esta exposição surgiu como um desafio de expor materiais sobre a fauna e a flora regionais contidas no acervo do Departamento de Biologia e Química da UNIJUÍ, a fim de se trabalhar junto às escolas da região a preservação ambiental. Para isso, o planejamento e execução da exposição necessitaram de muitas pesquisas acerca da temática proposta, além de contar, nesta edição, com a participação e organização dos bolsistas PET- Biologia e outros acadêmicos do curso, dos funcionários do MADP/FIDENE e dos professores coordenadores do projeto “O Museu de Ciências Naturais como Espaço Educacional”.

Durante a montagem da exposição, procurou-se criar ambientes similares aos naturais para evidenciar as relações ecológicas neles existentes. Ainda, foram elaborados materiais de divulgação como folders, pôsteres, cartazes e painéis com fotografias da fauna e flora regionais e textos informativos.

Os objetos expostos na mostra apresentavam-se ora integrados em recriações do ambiente natural de onde haviam sido retirados, ora fazendo parte de conjuntos organizados, como forma de traduzir conceitos e enquadrá-los, relacionando-os aos aspectos do cotidiano. Durante a mostra, os visitantes foram orientados por acadêmicos do curso de Ciências Biológicas, que explanaram sobre as interações ecológicas e a importância dos seres vivos e ecossistemas representados, bem como sobre a necessidade de preservação dos mesmos e do meio em que vivem. Complementando a exposição, os visitantes eram conduzidos ao espaço externo do Museu, visitando parte de um bosque estruturado como uma trilha ecológica. Neste existiam garrafas, papéis e outros materiais colocados propositalmente para suscitar a percepção do que faz ou não parte do ambiente natural.

Além disso, o visitante era convidado a experimentar os materiais expostos. Para os indivíduos em idade escolar, Chagas (1993, p.54) destaca que, “a ida ao museu torna-se uma experiência peculiar, em que aquilo que aprendem na escola adquire uma dimensão mais próxima, mais agradável”. Os visitantes da exposição “conhecer para preservar”, também, se sentiram à vontade para satisfazer sua curiosidade natural e manipular os objetos expostos numa tentativa de responder às questões suscitadas. Tanto as perguntas quanto as respostas compartilhadas mais a análise dos questionários respondidos pelos professores permitiram as compreensões construídas sobre a importância deste tipo de trabalho.

3 Resultados alcançados:

A visitação de mais de 3.000 pessoas, durante o período de realização da mostra, revela a importância da utilização de espaços não formais no processo de ensino/aprendizagem.

Enquanto a visita era conduzida, a troca de experiências entre monitores e visitantes contribuía para a socialização dos conhecimentos adquiridos não só em sala de aula da universidade ou da escola, mas, também, no cotidiano vivido pelos sujeitos em interação. Conceitos foram discutidos, reavaliados e reformulados proporcionando momentos agradáveis de aprendizagem e significação do conhecimento pelos visitantes e monitores.

A exposição temporária desenvolvida nas dependências do MADP também proporcionou a construção de novos saberes, pois muitos dos materiais expostos eram praticamente desconhecidos dos visitantes, que pouco sabiam sobre o que estava sendo divulgado. Foi possível perceber o interesse deles tanto em aprender sobre o desconhecido quanto ampliar e aprofundar os aspectos já conhecidos. Os questionamentos acerca dos objetos e exemplares de seres vivos conservados e mostrados foram os mais diversos, o que revelou graus de conhecimentos variados sobre o tema. Ainda, os monitores puderam construir novos conhecimentos sobre a fauna e flora regionais, ao dialogarem e interagirem com as pessoas que observaram a exposição.

As conversas com estudantes e pessoas da comunidade evidenciaram o quanto foi estimulante esta visita orientada para a busca de novas respostas a questões cotidianas, em que a interação entre os sujeitos e destes com o ambiente possibilitou a formação de uma nova consciência (saber que sabe) (Vigotski, 1998, 2001), sobre a preservação da fauna e da flora regional bem como do ambiente que nos cerca.

“A educação não-formal processa-se fora da esfera escolar com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo” (Chagas, 1993, p.55). Após a visitação, os professores realizaram trabalhos complementares em sala de aula, que reforçaram as significações construídas pelos estudantes sobre o tema da mostra, conforme colocado nos questionários respondidos pelos professores. Mais uma vez, a importância deste modo de educação em espaços alternativos para os estudantes da educação básica e na formação continuada de professores das redes pública e privada ressalta-se.

A colaboração estabelecida no trabalho conjunto entre museu e escolas proporcionou novas vivências e experiências aos alunos, e incrementa uma relação significativa com a ciência, de maneira que o sujeito percebe a sua responsabilidade nas interações com a natureza. Isto, certamente, repercutirá na sua preparação científica e na compreensão da realidade. Deste modo, a universidade, por meio do museu, proporciona às escolas e à comunidade, num esforço educativo comum, um espaço privilegiado de intercâmbio, que expande o campo de aprendizagem formal e não-formal, além de constituir o profissional na produção de inúmeros saberes na interação entre os sujeitos. “Os alunos passam assim a viver experiências, que ultrapassam as paredes da escola” (Chagas, 1993, p.57) e acessam uma diversidade de materiais que enriquecem os contextos em que a aprendizagem se processa.

Este tipo de ação contribui para a formação cidadã agregando conhecimento e auxiliando na constituição da consciência ecológica das novas gerações. Estimula o desenvolvimento sustentável e a preservação da biodiversidade como um todo e, como diz Segura (2001, p87.): “Além da forma de lidar com o conhecimento, matéria prima da educação, a questão ambiental motiva a postura participativa e a cidadania.”

E, as observações, análises e discussões propiciadas pela visita a exposição, de modo formal ou informal, ou seja no museu ou no retorno a sala de aula, como relatada pelos monitores e professores da educação básica, expandiram as percepções dos estudantes, professores e comunidade que visitaram a exposição quanto as relações estabelecidas com ambiente.

5 Referências:

- Chagas, I. **Aprendizagem não formal/formal das ciências:** relações entre museus de ciência e escolas. Revista de Educação, Lisboa, v. 3, n.1, 51-59, 1993.
- Marandino, M. **A pesquisa educacional e a produção de saberes nos museus de ciência.** História, Ciências, Saúde, Manguinhos, v. 12 (suplemento), p. 161-81, 2005.
- Segura, D.S.B. **Educação Ambiental na Escola Pública:** da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. 214 p.
- Vasconcelos, S.D.; Souto, E. **O livro didático de ciências no ensino fundamental – proposta de critérios para análise do conteúdo zoológico.** Ciência & Educação, São Paulo, v. 9, n. 3 p. 93-104, 2003.

Vieira, V.; Bianconi, M.L.; Dias, M. **Espaços não-formais de ensino e o currículo de ciências.** Ciência e Cultura, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 21-23, out./dez. 2005.

Vigotski, L.S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** 1 ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Vigotski, L.S. **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. Trad. José C. Neto, Luís S.M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.